

SIÇÃO DE VERBOS I
CRIANÇAS BRAS

alho investiga a emergên
quirindo o Português Br
utilizando como quad
y, 1986 e obras posterior
das crianças-sujeito rev
entre os primeiros anos
o, expressando o resul
ndo a situação como a
mento dos inacusativos i
inergativos, mostra que
s e inacusativos, o que fa
agem; c) há uma estru
sativos e inergativos e
essas crianças, e disso a
to perfectivo e acabado
riedades inter-relaciona
dados.

ork investigates the acq
razilian Portuguese as t
of age. The data colle
tape recording. The d
making use of the Princi
work).

da Tese de Doutorado, aprese
Universidade Estadual de Cam
Dr^a. Maria Cecília Perroni.

AQUISIÇÃO DE VERBOS INACUSATIVOS POR CRIANÇAS BRASILEIRAS*

Denise Telles Leme PALMIERE
(Universidade São Francisco)

RESUMO *Este trabalho investiga a emergência dos verbos inacusativos nos dados de duas crianças adquirindo o Português Brasileiro como língua materna, dos 2;0 aos 4;0 de idade, utilizando como quadro teórico o modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1986 e obras posteriores).*

*A análise dos dados das crianças-sujeito revela que: a) os verbos inacusativos são fortemente presentes entre os primeiros anos da criança, normalmente flexionados no pretérito perfeito, expressando o **resultado** de um evento, ou seja, uma **mudança**, apresentando a situação como **acabada e completa**; b) a sistemática manutenção do argumento dos inacusativos internamente ao VP, diferentemente do que ocorre com os inergativos, mostra que nossas crianças já distinguem desde cedo entre inergativos e inacusativos, o que favorece uma abordagem continuísta da aquisição da linguagem; c) há uma estreita relação entre diferentes traços semânticos de inacusativos e inergativos e formas flexionais em que tais verbos aparecem na fala dessas crianças, e disso decorre uma relação importante entre inacusativos e aspecto perfectivo e acabado; d) a noção de parâmetro como um complexo de propriedades inter-relacionadas mostra-se interessante para a descrição de nossos dados.*

ABSTRACT *This work investigates the acquisition of unaccusative verbs by two children acquiring Brazilian Portuguese as their mother tongue, during the period between 2;0 to 4;0 of age. The data collection was naturalistic, observational, adding 43 hours of tape recording. The discussion is based on the theory of generative grammar, making use of the Principles and Parameters model (Chomsky, 1986 and subsequent work).*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 27 de agosto de 2002, sob a orientação da Profª. Drª. Maria Cecília Perroni.

After discussing the existing approaches to unaccusativity, I propose a possible characterization of unaccusative verbs in BP, at the syntax-semantics interface.

Unaccusativity is here explored in the area of Language Acquisition, where it can be demonstrated that: a) unaccusative verbs are highly frequent among the first verbs of the subjects, inflected in the perfect tense, expressing the result of an event, a change of state, presenting the situation as completed; b) the internal argument of the unaccusative verbs is systematically kept inside VP, much to the contrary of what happens with other verbs (inergatives). This shows that our subjects at an early stage can already distinguish between unaccusative and inergative verbs, which favours a continuist approach to language acquisition; c) the close relationship between the semantic traces of unaccusative and inergative verbs and the inflected forms in which they appear in the data, point to an important link between unaccusativity and perfective aspect; d) the generative grammar concept of parameter as a complex of interrelated properties is considered adequate in the description and interpretation of the data.

Unaccusativity in language acquisition is still an unexplored subject, as far as the acquisition of Brazilian Portuguese is concerned. With this study I hope to contribute not only to fill this gap in the area, by relating it to other linguistic subsystems in the child's grammar, but also to contribute to the studies in the Language Acquisition area, which can feed the theory of grammar, as recently admitted by several linguists, including Chomsky (1997).

INTRODUÇÃO

O diferente comportamento do argumento de verbos monoargumentais relativamente a certos processos e construções permite que tais verbos sejam distribuídos em duas classes distintas, a saber, verbos inergativos e inacusativos. O fenômeno da inacusatividade (apontado inicialmente por Perlmutter, 1978, 1989, no âmbito da Gramática Relacional, e Burzio, 1981, 1986, numa perspectiva gerativista) tem sido analisado, na literatura da área, tanto a partir de abordagens puramente sintáticas quanto semânticas ou, ainda, a partir de perspectivas que se colocam na interface sintaxe-semântica (Levin e Hovav, 1995).

Partindo-se, aqui, desta última perspectiva¹, poder-se-ia apontar como propriedades fundamentais dos verbos inacusativos do Português Brasileiro (doravante, PB):

¹ Embora possam ser feitos alguns questionamentos sobre a abordagem de Levin e Hovav, *op. cit.* Remeto o leitor para Palmiere (2002) para uma análise mais detalhada deste e de outros trabalhos sobre inacusatividade, bem como de dados do PB adulto, o que norteou a caracterização dos verbos inacusativos aqui proposta.

- a) apresentam apenas um argumento que é interno ao VP (por isso podem ser objetos de processos que afetam igualmente o argumento interno dos verbos transitivos: formas participiais que podem ocorrer em posição atributiva e predicativa);
- b) apresentam o contexto mais favorável à ordem VS;
- c) descrevem um evento em que se focaliza o *efeito resultante*, ou o *resultado do processo*: a saber, uma **mudança** (de estado ou lugar), sem que haja a indicação do agente ou causa² da mudança (em decorrência disso, não aceitam nominalização com a agentivo *-or*, não admitem advérbios - ou expressões adverbiais - que expressam volição, bem como não admitem uma oração adverbial final).

Neste trabalho, procuro descrever a emergência dos verbos inacusativos nos dados de duas crianças adquirindo o PB como língua materna, no âmbito da teoria gerativa, no modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1986 e obras posteriores).

Os dados utilizados para a análise são os longitudinais de Natália (doravante N.), entre 2;0 e 4;0 de idade e os de Tiago (T.), entre 2;0 e 3;0. Os dados de N. utilizados nesta investigação constam de 54 sessões em áudio-tape, somando 27 horas de gravação; os de T. totalizam 32 sessões e 16 horas de gravação. Dados longitudinais de Débora (D.), por mim analisada de 1;4 a 1;9, são também trazidos a título de comparação e maior abrangência dos resultados.

Os dados dessas crianças (excetuando-se os de D.) encontram-se no Banco de Dados do CEDAE³, e fazem parte do Projeto de Aquisição da Linguagem do Departamento de Linguística - IEL - Unicamp. Em todos os casos, o método de coleta dos dados adotado foi o chamado observacional, longitudinal ou naturalista, em que não se procurou dirigir o comportamento linguístico das crianças para temas ou assuntos específicos.

Vale ressaltar que inexistem, até o presente momento, estudos sobre a inacusatividade na aquisição da linguagem, pelo menos no que diz respeito aos dados do PB.

² Normalmente um causa externa, que pode ser: agente, instrumento, força natural ou circunstância.

³ Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Unicamp.

AQUISIÇÃO DOS VERBOS INACUSATIVOS

A análise inicial dos dados de nossas crianças-sujeito revelou que os verbos inacusativos estão fortemente presentes entre seus primeiros verbos. Além disso, os únicos casos de ordem V DP observados nos dados correspondem às construções com verbos desse tipo.

A partir dessas constatações, algumas questões foram colocadas como norteadoras de nossa análise, a saber:

1. Por que os verbos inacusativos estão entre os primeiros na fala da criança?
2. Que contribuições os dados aqui analisados trazem para o debate entre as diferentes abordagens do fenômeno da inacusatividade?
3. Na gramática inicial de nossas crianças-sujeito a distinção entre verbos inergativos e inacusativos já se encontra “disponível”?
4. Que contribuições os dados aqui analisados trazem para a teoria, inclusive para o debate entre hipóteses continuístas X não-continuístas da aquisição da linguagem?

Norteada por essas questões, analisei os enunciados com verbos monoargumentais nos dados das crianças-sujeito considerando os seguintes aspectos:

- a) a frequência de ocorrência de verbos inacusativos e inergativos;
- b) a ordem dos constituintes nesses enunciados;
- c) a realização do DP argumento-único desses verbos;
- d) a relação entre inacusatividade e aspecto;
- e) a noção de parâmetro na teoria gerativa.

Com relação ao primeiro aspecto acima apontado, a análise revelou que os verbos inacusativos revelam-se de grande importância entre os primeiros da criança, fazendo-se – como já mencionado - fortemente marcantes e presentes.

Nos dados de T., no período compreendido entre 2;0 e 2;6, predominam as estruturas monoargumentais (83%, em oposição aos 17% de construções com verbos de dois lugares), e, do total de verbos de um lugar nos dados de T., 72% são verbos inacusativos e apenas 28% inergativos. Verifica-se que os seguintes verbos inacusativos encontram-se abundantemente presentes entre os primeiros verbos do menino no período em questão: *chegar, cair, abrir, fechar, ligar, acender, apagar, quebrar, rasgar, esparramar, desmanchar, molhar*.

O mesmo se verifica nos dados de D., entre 1;6 e 1;9: quase 80% dos primeiros verbos enunciados por essa criança equivalem aos inacusativos *cair, fechar, abrir, apagar, acender, quebrar, etc.*

Por outro lado, levando-se em conta o tipo sintático dos verbos encontrados nos dados de N. no período entre 2;0 e 2;6, verifica-se que, com relação aos verbos monoargumentais⁴, diferentemente do que se verifica nos dados de T. e de D., apenas 25% dos verbos enunciados por N. nesse período são verbos inacusativos, em oposição a 75% de inergativos. Tais resultados, a meu ver, parecem não impedir que se conclua que os verbos inacusativos configuram-se como alguns dos mais “importantes” verbos entre os primeiros produzidos pela criança. Há de se ressaltar que N. é uma criança que aos 2;0 de idade já apresenta um “repertório lingüístico” bem mais amplo que o de T. na mesma faixa etária, podendo estar, portanto, num momento de desenvolvimento posterior ao do menino. Isso me leva a supor que a análise de fases do desenvolvimento lingüístico de N. anteriores ao referido período poderia revelar um número maior de verbos inacusativos produzidos por essa criança. Infelizmente, tais dados não se fazem disponíveis, e minhas considerações com relação ao *status* que se deve atribuir aos verbos inacusativos nas fases iniciais de aquisição da linguagem baseiam-se na significativa porcentagem de ocorrência desses verbos nos dados de T. e D.

A análise revelou também que os verbos inacusativos nos dados dessas crianças encontram-se, em sua grande maioria, flexionados no *pretérito perfeito*, expressando o *resultado* de um evento, ou seja, uma *mudança*, apresentando a situação como *acabada e completa*. Uma vez que eventos que resultam em uma mudança de estado ou de lugar do referente configuram-se como algo perceptualmente bastante saliente para a criança, não é de surpreender que estruturas com verbos que expressam tais eventos sejam abundantes na fala inicial da criança. Nossa caracterização dos verbos inacusativos no PB e, conseqüentemente, seu papel na fala de N. e T., parece dar conta de responder à nossa primeira questão central.

No que diz respeito à *ordem* dos constituintes nos enunciados com verbos monoargumentais, nossos dados mostraram que as crianças-sujeito tratam diferentemente DP's argumentos de verbos inacusativos e de inergativos, apresentando-os preferencialmente em posição pós-verbal no caso dos verbos do primeiro tipo e exclusivamente em posição pré-verbal no caso dos do segundo tipo. Assim, o argumento interno dos verbos inacusativos, na maioria das vezes, é mantido *in situ*, sem que haja movimento, à semelhança do que ocorre no PB adulto. Vejam-se alguns dados de N. e T. abaixo listados:

- **Dados de N. – Verbos inergativos:**

a. *a beéquinha (bonequinha) anda. (N.: 2;1.13)*

b. *eli tá andanu pá táis (N.: 3;3.23)*

c. *e daí, cê tava durmindu? (N.: 3;9.1)*

d. *essi tá chorandu (N.: 2;7.2)*

⁴ Tais verbos correspondem a 44.5% do total de verbos enunciados por N. neste período.

- e. eu corri lá nu quintal (N.: 2;8.19)
- f. sacaré tá nanandu (N.: 2;5.13)
- g. eli mórdi (N.: 2;7.16)

- **Dados de N. – Verbos inacusativos:**

- a. acabô u gais dela. (N.: 2;6.25)
- b. po que será caiu banquinho desti? (N.: 2;6.26)
- c. caiu a caderona! (N.: 2;7.2)
- d. caiu u retratu.
caiu u retratu seu. (N.: 2;8.3)
- e. ah, quebô essi aqui! (N.: 2;7.19)
- f. olha, quebô u baçu deli. (N.: 3;5.19)
- g. quebô u cavalinhu (N.: 3;9.1)
- h. ah, dismanchô tudu a casinha minha. (N.: 2;11.26)

- **Dados de T. - Verbos iergativos:**

- a. ela fuma (T. 2;1.07)
- b. u gatu subiu (T. 2;3.04)
- c. u grande tá nadando, mãe. (T. 2;10.18)
- d. a Berenice pintô também (T. 2;9.26)
- e. o homi vai sentá nesse banco (T. 3;0.15)

Dados de T. – Verbos inacusativos:

- a. egô cainhu. (T.2;0.18)
- b. chegô Maliana. (T. 2;3.11)
- c. chegô u dois (T. 2;4.11)
- d. cabô cacholu. (T. 2;3.11)
- e. cabô caminhão, pai (T. 3;0.15)
- f. caiu passainhu. (T. 2;2.27)
- g. caiu u carru (T. 2;7.23)
- h. caiu a roda
puque ela caiu. (T. 3;0.15)
- m. caiu u ganchu (T. 3;0.15)
- n. istagô u carru, mãe (T. 2;7.23)
- p. saiu roda. (T. 3;0.08)

O exemplo a seguir, enunciado por N., em que se vêem um verbo inacusativo e um inergativo seqüencialmente em uma mesma ocorrência, ilustra bem o que se disse:

- a. *cavalu num anda!*
quebô u cavalu! (N.: 3;3.23)

As explicações para isso parecem ser tanto de caráter sintático quanto semântico. A explicação sintática possível advém da hipótese de Lopes (1999), no âmbito do Programa Minimalista, de que a relação básica pela qual a criança se guia em seu processo de aquisição da linguagem é a relação de c-comando: ao manter o argumento interno dos verbos inacusativos *in situ*, a criança estaria fazendo uso de uma estrutura resultante de uma única aplicação de *Spell-out* obedecendo aos princípios de economia do sistema computacional.

A outra explicação advém dos traços semânticos dos verbos inacusativos: as crianças aqui analisadas utilizam verbos inacusativos em frases apresentativas, em contextos de introdução de novos traços associados a referentes já conhecidos, particularmente traços resultantes de uma mudança de estado ou de lugar sofridos pelo referente.

Assim, no que diz respeito à aquisição dos verbos inacusativos, a adequada explicação do fenômeno carece de uma abordagem que se coloque na interface sintaxe/semântica, o que se configura como uma contribuição deste trabalho para o debate entre as diferentes abordagens do fenômeno – o que responde à nossa segunda questão norteadora do trabalho, anteriormente colocada.

A sistemática manutenção do argumento dos verbos inacusativos internamente ao VP, com sua realização na posição de objeto, verificada nos dados das crianças aqui contempladas - diferentemente do que se verifica com os verbos inergativos, nos mostrou que na gramática inicial dessas crianças a distinção entre verbos inergativos e inacusativos já se encontra disponível, o que responde à nossa terceira questão central.

Quanto à a realização do DP argumento-único desses verbos, os dados nos revelam que existe uma certa discrepância entre os dados das duas crianças aqui analisadas. Nos dados de N., **DP's plenos** são quase que exclusivamente realizados em posição **pós-verbal** - ou seja, como complementos do verbo – enquanto que em posição de especificadores da estrutura encontram-se *singletons* e pronomes.

- **Dados de N. - DP's plenos realizados em posição pós-verbal:**

- a. *acabô u gais dela.* (N.: 2;6.25)
b. *caiu a caderona!* (N.: 2;7.2)
c. *caiu u relógiu.* (N.: 3;4.3)
d. *quebô u cavalu.* (N.: 3;3.23)
e. *ah, dismanchô tudu a casinha minha.* (N.: 2;11.26)
f. *tá duendu a minha jeção* (N.: 3;4.6)
g. *será qui, qui num sai us pintura?* (N.: 3;1.23)

- Dados de N. - *singletons* e pronomes em posição de especificadores da estrutura:

- a. *eli tá andanu pá táis* (N.: 3;3.23)
- b. *e daí, cê tava durmindu?* (N.: 3;9.1)
- c. *essi tá chorandu* (N.: 2;7.2)
- d. *eu corri lá nu quintal* (N.: 2;8.19)
- e. *sacaré tá nanandu* (N.: 2;5.13)
- f. *eli mórdi* (N.: 2;7.16)
- g. *eu vuava*. (N.: 3;4.3)

O fato de N. realizar **DP's plenos** quase que exclusivamente em posição **pós-verbal** poderia ser explicado à luz da hipótese de Lopes (1999), no âmbito do Programa Minimalista: princípios de economia privilegiam uma única aplicação de *Spell-out*.

A autora defende que a relação básica pela qual a criança se guia em seu processo de aquisição da linguagem é a relação de c-comando, ou seja, relações locais. Esta seria já uma propriedade fundamental da Faculdade da Linguagem, além da marcação paramétrica.

Apoiando-se na proposta de Multiple *Spell-out* de Uriagereka⁵ e analisando dados de crianças através de unidades de comando, a autora argumenta que DP's plenos precisam ser engendrados paralelamente em função de seus especificadores, enquanto que *singletons* e pronomes não.

Comparando percentuais de preenchimento de sujeitos e objetos em diversos dados infantis, a autora analisa as realizações fonéticas desses argumentos e mostra que **há muito mais DP's plenos usados como complementos do que como sujeitos**. Sua explicação para este fato de aquisição é que os DP's complementos encontram-se sempre na mesma unidade de comando do verbo que os domina, podendo haver uma única aplicação de *Spell-out*. Os sujeitos, diferentemente, são especificadores da estrutura e, assim, formam uma unidade de comando distinta, forçando aplicações múltiplas de *Spell-out*.

Para a autora, a possibilidade de ocorrência de pronomes e *singletons* em posições pré-verbais explica-se pelo fato desses serem itens lexicais isolados e, como tais, poderem ser engendrados diretamente na derivação, a partir de Seleção na Numeração, não havendo a necessidade de formar um marcador frasal paralelo. Assim, ficando na mesma unidade de comando, demandam apenas uma única aplicação de *Spell-out*.

Por outro lado, ao nos depararmos com os dados de T., verifica-se que os mesmos – até certo ponto - divergem dos anteriores neste sentido. Diferentemente do que seria esperado, nos dados do menino observam-se muitos DP's plenos em

⁵ In: S. Epstein & N. Hornstein (eds). *Working Minimalism*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

posição de especificador da estrutura, conforme ilustram os exemplos abaixo, aqui reapresentados, para facilitar a exposição. Mas é importante ressaltar que, em todos os casos, trata-se de verbos inergativos:

- a. *u gatu subiu* (T. 2;3.04)
- b. *u grande tá nadando, mãe.* (T. 2;10.18)
- c. *a Berenice pintô também* (T. 2;9.26)
- d. *o homi vai sentá nesse banco* (T. 3;0.15)

Já com relação aos enunciados de T. com verbos inacusativos, como já anteriormente apontado, os poucos DP's pré-verbais que ocorrem são realizados, como esperado, por um *pronome* e não por um DP pleno (assim como verificado nos dados de N.):

- a. *caiu a roda*
puque ela caiu. (T. 3;0.15)
- b. *esse derrubô* (T. 3;0.08)

Assim como observado nos dados de N., o menino também apresenta *singletons* em posição pós-verbal com verbos inacusativos, embora estes não ocorram com tão pouca freqüência quanto nos dados das meninas (algo em torno de 50 %). Reapresento, aqui, alguns dos dados já listados anteriormente, que ilustram este aspecto:

- a. *egô cainhu.* (T.2;0.18)
- b. *chegô Maliana.* (T. 2;3.11)
- c. *cabô cacholu.* (T. 2;3.11)
- d. *cabô caminhão, pai* (T. 3;0.15)
- e. *caiu passainhu.* (T. 2;2.27)
- f. *caiu tudo* (T. 2;2.27)
- g. *saiu roda.* (T. 3;0.08)

Assim, observou-se que T. mostra-se menos parcimonioso onde se esperava que fosse mais - usando DP's plenos em posição de especificador da estrutura - e até mais parcimonioso onde o esperado é que já fosse menos - ao usar produtivamente *singletons* como complementos. Tais resultados evidenciam uma forte correlação entre a produção menos econômica de DP's plenos em posição de especificador e a presença de verbos com traços semânticos específicos, a saber, os inergativos, ilustrando que nem sempre a criança é guiada simplesmente pelos princípios de economia, sendo que determinados fenômenos de LF podem mostrar-se, em alguns momentos, mais fortes. Foi o caso da necessidade de estabelecimento da referência no diálogo, o que obriga o preenchimento da posição de sujeito com DP's plenos.

Os dados das crianças aqui analisadas (N. e T.) permitem-nos, ainda, observar outra regularidade importante, que diz respeito ao tempo/aspecto verbal em que se encontram flexionados os verbos inacusativos. Em sua grande maioria, os **verbos inacusativos** aparecem flexionados no *pretérito perfeito*, enquanto os inergativos apresentam-se predominantemente no presente do indicativo e no progressivo.

Os dados abaixo, alguns dos quais aqui repetidos para facilitar a exposição, ilustram o que se disse:

- **Dados de N: verbos inacusativos flexionados no pretérito perfeito:**

- a. pagô (N.:2;1.13)
- b. cendeu (N.:2;1.13)
- c. cabô (N.:2;2.01)
- d. já cabô u fu (N.:2;5.03)
- e. abiu (N.:2;2.01)
- f. abiu u zóinhu (N.:2;2.08)
- g. caiu u relógiu. (N.: 3;4.3)
- h. quebô u cavalu. (N.: 3;3.23)

- **Dados de T: verbos inacusativos flexionados no pretérito perfeito:**

- a. caiu tudo (T. 2;2.27)
- b. caiu u ganchu (T. 3;0.15)
- c. saiu u carru du bomberu (T. 2;10.18)
- d. esse derrubô
derrubô oto binquedu . (T. 3;0.08)

- **Dados de N: verbos inergativos flexionados no presente do indicativo e no progressivo:**

- a. esse tá correndu
- b. ela tá correnu (N.: 3;3.23)
- c. eli deita,
essa também deita (N.: 2;9.21)
- d. eli tá andanu pá táis (N.: 3;3.23)
- e. agola eli num vanta mais (N.: 3;3.23)
- f. eli tá dumindu (N.: 2;11.10)
- g. nenê tá nanandu (N.: 2;2.1)
- h. ói cacholu nanandu (N.: 2;2.1)
- i. eli mordi (N.: 2;7.16)
- j. eu sentu na cadelinha (N.: 3;2.4)
- l. ela nun fala,

só eu qui falu (N.: 3;4.20)

- **Dados de N: verbos inergativos flexionados no presente do indicativo e no progressivo:**

a. *ela fuma (T. 2;1.07)*

b. *u grande tá nanandu, mãe. (T.:2;10.18)*

c. *ela nun cabe, não,*

a mãe cabe aqui (T.:2;8.29)

Como já anteriormente salientado, os verbos inacusativos caracterizam-se por descreverem um evento em que o mais saliente é o **efeito resultante**, ou o **resultado do processo** - a saber, uma **mudança de estado ou lugar** - sem que haja a indicação do agente ou causa⁶ da mudança. Na classificação clássica de Vendler (1967), esses verbos são tipicamente *achievements*⁷.

É interessante salientar que alguns autores, na caracterização dos *achievements*, deixam ver a relevância da noção *telicidade*. Veja-se, por exemplo:

An achievement is an event that results in a change of some sort, just as an accomplishment does, but where the change is thought of as occurring instantaneously. (...) the change is not a gradual one⁸, but something that has a 'point-like' quality to it. Pustejovsky (1991:50)

E ainda:

*(...) achievement expressa tão somente o **clímax**, o cumprimento instantâneo⁹ de algo que não é recortado como ação em que o sujeito esteja ativamente envolvido.¹⁰ Figueira (1996:169)*

Analisando-se verbos inacusativos e inergativos, podemos assumir que os primeiros caracterizam-se tipicamente como *télicos*¹¹ (ou “delimitados no tempo”)

⁶ Esta, como já salientado, normalmente uma causa externa, que pode ser: agente, instrumento, força natural ou circunstância.

⁷ Por outro lado, verbos ergativos indicam atividade, correspondendo aos *activities* na classificação vandleriana.

⁸ Grifos meus.

⁹ Grifos meus.

¹⁰ Figueira chega a citar Mendes (1994) que, em artigo publicado na Revista Internacional de Língua Portuguesa, traduz *achievements* por “eventos instantâneos”.

¹¹ Embora existam alguns inacusativos, por exemplo *rolar* e *cozinhar*, que são atélicos:

A bola rolou por 30 segundos.

A carne cozinhou por uma hora.

enquanto os segundos como atélicos (ou sem delimitação temporal específica), e tal distinção possibilita ou não tais verbos co-ocorrerem com sintagmas de duração:

* *A janela quebrou por 10 minutos.*

* *O homem chegou por 10 minutos.*

* *Ela correu por 10 minutos.*

Resumindo o que se disse até aqui, os verbos inacusativos são tipicamente *achievements*, expressando o resultado do processo - uma mudança, sendo que esta é vista como que ocorrendo instantaneamente. Por outro lado, os inergativos são tipicamente *activities* - descrevendo atividades - e atélicos - de alguma forma envolvendo a noção de duração.

Voltando aos dados das crianças aqui analisadas (N. e T.), o que se observa é uma estreita relação entre as distinções semânticas acima apontadas com relação aos verbos inacusativos e inergativos e as formas flexionais em que tais verbos aparecem na fala dessas crianças. Aliás, poderíamos mesmo afirmar que tais distinções aparecem quase que 'concretizadas' pela flexão temporal/aspectual em que se manifestam:

- i) verbos *inacusativos*, tipicamente *achievements* e tólicos, são empregados pelas crianças no *pretérito perfeito*, indicando que o evento é visto no seu ponto/resultado final;
- ii) inergativos, tipicamente *activities* e atélicos, são predominantemente empregados pelas crianças no presente e no progressivo, indicando que o evento não é visto no seu ponto (e, muito menos, no seu resultado) final, mas na duração da ação.

Assim - focalizando agora os verbos inacusativos - podemos afirmar que nossos dados revelam uma relação importante entre inacusativos e *aspecto*. No PB, o *pretérito perfeito* - forma predominante em que se encontram flexionados os verbos inacusativos nos dados infantis, como já salientado - marca tanto o aspecto *perfectivo* como o *acabado*, como revela o vasto estudo de Travaglia (1985) sobre o fenômeno do aspecto nesta língua.

Inicialmente, vale ressaltar como este autor conceitua *aspecto*. Partindo do trabalho de Comrie (1976)¹², entre outros, e explorando dados do PB, Travaglia (*op. cit.*) procura expandir o conceito de aspecto, particularmente organizando diferentes

¹² Segundo Comrie (1976), um autor clássico no tema, aspecto se define como a indicação da 'constituição temporal interna de uma situação' ou a indicação da 'duração do processo'. Para esse autor, *aspecto perfectivo* indica a visão de uma situação como um todo único, completo, sem a distinção das várias fases separadas que compõem tal situação. Por outro lado, o *aspecto imperfectivo* considera a estrutura interna da situação, fazendo referência explícita à sua estrutura temporal interna, tomando-se a situação 'a partir de dentro'.

subconjuntos de fases de acordo com o ponto de vista a ser considerado com relação às fases da situação. Para esse autor, aspecto se define como

uma categoria verbal de TEMPO (idéia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase), não dêitica, através da qual se marca duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento¹³, o do completamento¹⁴ e o da realização¹⁵ da situação. Travaglia (1985: 53)

Para o que aqui nos interessa, são duas as noções aspectuais apresentadas por esse autor que merecem maior atenção. Segundo ele, no PB o *pretérito perfeito* marca o aspecto acabado e o aspecto perfectivo. O *aspecto acabado*, segundo Travaglia (*op. cit.*), indica uma das fases de *realização* da situação, e opõe-se aos aspectos não-começado e começado. Apresenta a situação após seu momento de término, portanto concluída, acabada, terminada. Já o aspecto *perfectivo*, indica uma das fases de *completamento* da situação, e opõe-se ao aspecto imperfectivo. O perfectivo apresenta a situação como completa, em sua totalidade, inteira, sendo que o todo da situação é apresentado como um todo único, inalisável, com começo, meio e fim englobados juntos. É como se a situação fosse vista de fora, em sua globalidade.

Assim como Comrie (*op. cit.*), Travaglia não equiva *perfectivo* à *resultativo*. Para ele, *resultatividade* é uma noção não-aspectual, mas intensamente dependente do aspecto. Indica que a situação se concluiu com o atingimento de um ponto terminal, às vezes também com a indicação de um estado resultante de uma situação dinâmica que se concluiu. É importante ressaltar que, embora o *resultativo* não seja uma noção aspectual, está sempre estreitamente ligado ao aspecto acabado e ao *perfectivo*.

Como se pode perceber, existe uma forte relação entre aquelas noções semânticas dos verbos inacusativos aqui apontadas e as noções aspectuais *acabado* e *perfectivo*, bem como a própria noção de *resultatividade*, essas três expressas pelo *pretérito perfeito* no PB.

Nosso dados mostram que as crianças são sensíveis a isso, uma vez que usam verbos inacusativos maioritariamente flexionados no *pretérito perfeito*, 'concretizando', assim, essa aproximação entre traços semânticos dos verbos inacusativos e noções aspectuais expressas pelo *pretérito perfeito*.

¹³ As fases de desenvolvimento são: início, meio e fim, associadas aos aspectos *inceptivo*, *curativo* e *terminativo*, respectivamente.

¹⁴ As de completamento são: completo, incompleto, associados aos aspectos *perfectivo* e *imperfectivo*.

¹⁵ As fases de realização são: não-começado, começado e acabado.

Vejamos, novamente, a título de ilustração, alguns dados já apresentados:

- a. *acabô u gais dela.* (N.: 2;6.25)
- b. *cabô cacholu.* (T. 2;3.11)
- c. *caiu a caderona!* (N.: 2;7.2)
- d. *quebô u cavalu.* (N.: 3;3.23)
- e. *ah, dismanchô tudu a casinha minha.* (N.: 2;11.26)
- f. *egô cainhu.* (T.2;0.18)
- g. *istagô u carru, mãe* (T. 2;7.23)
- h. *saiu roda.* (T. 3;0.08)

Ao enunciarem estruturas tais como as anteriormente elencadas, essas crianças usam verbos inacusativos flexionados no *pretérito perfeito* para marcar o *efeito resultante* de um evento, ou seja, uma *mudança de estado ou de lugar*, sem a indicação de seu agente ou causa, apresentando a situação como *acabada e completa*.

Isso parece ficar ainda mais evidenciado ao parafrasearmos os enunciados infantis anteriores, o que poderia ser feito usando-se formas participiais, adjetivos ou, ainda, expressões indicadoras de lugar:

- a. *acabô u gais dela.* (→ “o gás não está mais aqui”)
- b. *cabô cacholu.* (→ “o cachorro não está mais aqui”)
- c. *caiu a caderona!* (→ “a cadeira está caída”/ “a cadeira agora está no chão”)
- d. *quebô u cavalu.* (→ “o cavalo está quebrado”)
- e. *ah, dismanchô tudu a casinha minha.* (→ “a casinha está desmanchada”)
- f. *egô cainhu.* (→ “o carrinho agora está aqui”)
- g. *istagô u carru, mãe* (→ “o carro está estragado”)
- h. *saiu roda.* (→ “a roda está fora – do carrinho-”)

Assim, podemos afirmar que nossos dados revelam uma relação importante entre as categorias lexicais que são os verbos inacusativos e os aspectos perfectivo e acabado, como parte da categoria funcional T.

Finalizando, é importante ressaltar, ainda, que por ser o PB uma língua de sujeito nulo, licencia a ordem V DP, característica importante dos verbos inacusativos, como já apontado. Já no inglês isso não é possível, havendo necessariamente o alocamento do DP para a posição de especificador da estrutura.

Concluindo, observa-se, nos nossos dados, uma importante co-relação entre: *sujeito nulo / ordem V DP / aspectos perfectivo, acabado* (marcados pela morfologia flexional do perfeito) e distinção no léxico entre *inacusativo X inergativo*, o que nos leva a considerar uma possível associação deste conjunto de propriedades a um

único parâmetro, mais abstrato, que as englobaria. Dessa forma, a noção de parâmetro como um conjunto de propriedades mostra-se bastante interessante para a análise dos nossos dados.

Finalmente, parece ser possível afirmar que a criança adquirindo o PB como língua materna recebe mais “pistas” do *input* para que diferencie os verbos inacusativos dos inergativos do que a criança adquirindo, por exemplo, o inglês. Isso me leva a questionar a visão de Borer e Wexler (1987), no que diz respeito a crianças adquirindo o inglês. Para esses autores, a distinção entre inergativos e inacusativos não está disponível na gramática inicial da criança. Assim, as crianças, inicialmente, não seriam capazes de registrar a possibilidade de que um intransitivo possa ter um objeto na estrutura subjacente visto que ainda não apresentam o dispositivo que ligaria sujeitos finais ao traço do objeto na estrutura-D. Ainda segundo os autores, somente após uma maturação neurológica, quando é instaurado tal dispositivo, é que as crianças poderiam diferenciar verbos inacusativos de inergativos.

Diferentemente, defendo que não estamos aqui diante de um fenômeno de “maturação neurológica” que ainda não ocorreu, mas sim diante de reflexos ou conseqüências da própria natureza do *input* a que a criança está exposta em seu processo de aquisição da linguagem, ou seja, o papel da própria língua que está sendo adquirida. Tais considerações, aliadas à grande convergência dos dados infantis com os dos adultos falantes do PB, favorecem a abordagem continuísta do desenvolvimento da linguagem, o que responde à nossa quarta e última questão.

Espero que este estudo seja útil para inspirar mais pesquisas futuras sobre a aquisição do PB como língua materna, de forma que as perguntas ou questões que ficaram ainda em aberto possam vir a receber outros tratamentos, e talvez iluminar um pouco mais a rápida e eficiente aquisição de uma língua natural pela criança em tão curto espaço de tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORER, H. & WEXLER, K. (1987). The maturation of syntax. In Roeper, T. *et al.* (eds.) *Parameter-setting and language acquisition*. Dordrecht: Reidel.
- BURZIO (1981). *Intransitive Verbs and Italian Auxiliaries*. Tese de Doutorado, MIT, Cambridge.
- _____. (1986). *Italian Syntax: a government and binding approach*. Dordrecht, D. Reisel Pb. Co.
- CHOMSKY, N. (1986). *Knowledge of language*. New York: Praeger.
- _____. (1988). *Language and problems of knowledge*. Cambridge: MIT Press.
- _____. (1995). *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press.
- _____. (1997). New horizons in the study of language. *DELTA*, vol.13, n. especial:1-20.
- COMRIE, B. (1976) *Aspect; an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. London: Cambridge University Press.

- FIGUEIRA, R. A. (1996). Uma nota sobre aspecto e transitividade. In: D.E.L.T.A., vol. 12, no. 1.
- LEVIN, B. & HOVAV, M. R. (1995). Unaccusativity. At the syntax-lexical semantics interface. Cambridge (MA): MIT.
- LOPES, R. E. V. (1999) *Uma proposta minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais*. Unicamp: Tese de Doutorado.
- PALMIERE, D. T. L. (2002). *A inacusatividade na aquisição da linguagem*. Unicamp: Tese de Doutorado.
- PERLMUTTER, D. (1989). "Multiattachment and the unaccusative hypothesis: the perfect auxiliary in Italian". In *Probus*, vol 1.1, Foris Pb.
- PUSTEJOVSKY, J. (1991) The syntax of event structure. *Cognition* 41, 47-81.
- TRAVAGLIA, L. C. (1985) *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.
- VENDLER, Z. (1967). *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.